

REG. 95/02/04

D I R E I T O À I N F O R M A Ç ã O

Nº 1

1963

Na sua recente encíclica "Pacem in Terris", entre tantas outras tomadas de posição sobre as interrogações vitais que se levantam à Igreja no nosso tempo, o Papa João XXIII defendia, entre os direitos da pessoa, o direito "à informação objectiva".

Todos sabemos por demais como a nossa Imprensa ou não tem querido ou não tem podido respeitar este direito. Sobre Angola o problema põe-se com redobrada urgência. Todos os dias morrem irmãos nossos, soldados portugueses e nacionalistas angolanos; todos os dias se acrescenta o "muro da vergonha" que vai separar as duas comunidades.

Nós protestamos contra a intoxicação a que de há muito se vem sujeitando o Povo Português a respeito das coisas do Ultramar: discursos de belo efeito mas mentirosos, meias verdades diluídas num clima tal e contexto que tornam impossível o discernimento, a generalização de um estado de espírito que não anda longe da mania da perseguição em

(cont. pag.4)

OS ESTUDANTES CATOLICOS AFRICANOS E O PROBLEMA DE ANGOLA

Apresentamos na íntegra as duas últimas moções sobre Angola que foram aprovadas nos dois últimos Congressos dos Estudantes Católicos Africanos.

Trata-se de um movimento com sede em Paris mas ramificações por toda a Europa, agrupando praticamente todos os estudantes africanos que professam o catolicismo.

Publicam a revista TAM-TAM, donde extraímos estes documentos:

Já em 1956, no Congresso de Pau, se tinha declarado:

"Deploramos a cumplicidade de certos católicos que perigosamente dificultam, pelos seus escritos, pelas suas palavras e do modo geral pela sua influência, o acesso dos povos colonizados à independência nacional na paz e na caridade, e alimentam uma confusão infeliz entre missão evangelizadora e sistema colonial." E em Angers, em 28 de Março de 1961:

"Nós, Estudantes Católicos Africanos reunidos no VI

(cont. pag,4)



C.H.

"Nós reconhecemos a legitimidade da aspiração à independência, como a de todo o esforço construtivo para se lá chegar. A Igreja deseja ardentemente que os homens, como os povos, assumam cada vez mais as próprias responsabilidades. A grandeza do homem provém de ele ser livre e responsável, e a liberdade política é uma destas liberdades e responsabilidades fundamentais. Não gozar dela demonstra uma evolução inacabada e não pode ser senão fenómeno temporário."

DECLARAÇÃO DOS BISPOS DE MADAGASCAR, 1953

"No domínio político vós aspirais à autonomia que fará de vós gerentes directos dos vossos próprios problemas. Esta aspiração é legítima. E quaisquer que sejam as formas propostas para a resolução do problema e sobre cujo valor técnico não nos compete pronunciarmo-nos, nós começamos por lembrar que o problema existe e que deve ser estudado e resolvido segundo a justiça; em seguida, que os povos não devem deixar-se vencer pelos obstáculos dos vários interesses e das paixões."

CARTA COLECTIVA DOS BISPOS DA COSTA DO MARFIM, 1957

"O Clero autóctone, tão encarecido pela Santa Sé, há-de ser, no futuro, o principal obreiro e o principal responsável pela vida cristã das populações. Conhecedor mais perfeito da mentalidade dos povos junto dos quais exerce o seu ministério, está em melhores condições que os estrangeiros para actuar com mais eficiência entre os compatriotas. (...) Bem sabemos que, mais talvez em nossos dias que no passado, se têm desenvolvido certos preconceitos raciais em algumas pessoas, fruto quasi sempre de deficiente formação moral e espiritual, que as levam a não olharem o clero nativo, sobretudo perante as convulsões políticas que vêm sacudindo uma boa parte da África..."

DECLARAÇÕES DO BISPO COADJUTOR DE LUANDA, ao tempo Bispo de Malanje, ao Boletim de Informação Pastoral, nº 5, Dezembro de 1959.



Que é feito dos Padres nativos de Angola que foram presos ou exilados por altura da eclosão do movimento nacionalista em Angola?

Actualmente, apenas o Padre Pinto de Andrade continua na prisão, assim como um velho missionário branco, o Padre Maia, autor de muitos trabalhos sobre as línguas do Congo. Irmão de Mário de Andrade, Secretário Geral do M.P.L.A. (Movimento Popular para a Libertação de Angola), o Padre Joaquim Pinto de Andrade foi preso pela primeira vez em Junho de 1960, quando em Luanda já se delineava um movimento de brancos e de nativos favoráveis à independência. O depoimento que publicamos na página 8, data desta altura. Depois de meio ano de prisão no Aljube, incomunicável, foi exilado para a Ilha do Príncipe, donde regressou de novo a Lisboa para outros seis meses nas cadeias da PIDE. Deixaram-no então sair, em regime de residência vigiada, para o mosteiro beneditino de Singeverga, onde o foram buscar, a 8 de Julho de 1962, para as prisões da PIDE no Porto. De lá transitou para o Aljube e a 8 de Janeiro deste ano para Caxias, onde continua nas piores condições de vida e de saúde, sem julgamento nem advogados...

Vivem em Lisboa, exilados: Cônego Franklin da Costa, redactor do jornal católico de Luanda "O Apostolado" e professor no Seminário. Viera a Portugal secretariar o Sr. Arcebispo de Luanda, no verão de 1960, e nunca mais lhe permitiram o regresso a Angola.

- No mesmo regime se encontram: Padre Alexandre Nascimento, Licenciado na Universidade Gregoriana e professor no Seminário de Luanda; Padre Vicente Rafael, também formado em Roma e professor de Filosofia no mesmo Seminário; Padre Domingos, pároco no distrito de Cuanza-sul.

- Com residência vigiada em Seminários Religiosos no Norte do País, depois da saída do Aljube em Setembro de 1961: Monsenhor Manuel Joaquim das Neves, Vigário Geral de Luanda
Padre Alfredo Osório Gaspar, pároco
Padre Martinho Samba, pároco
Padre Lino Guimarães, do posto missionário da Quibala.

DIREITO À
INFORMAÇÃO
(cont.)

relação aos outros povos e aos organismos internacionais, tudo, menos a "INFORMAÇÃO OBJECTIVA".

Disse ainda o Papa: "Temos de proscrever por completo aqueles meios de informação que, violando a verdade, atinjam injustamente a reputação de tal ou tal povo."

Outra coisa não se tem feito para com o Povo Angolano: mentiras e boatos, a calúnia a frio, a tecla por demais batida da identificação Cristo = Portugal, Luta de Repressão=Cruzada. Alinhamos aqui documentos de vária natureza, desde encíclicas dos Papas e pastorais dos bispos, a testemunhos de particulares: com eles se procura corrigir e completar uma visão parcial da questão de Angola tal como no-la tem apresentado a nossa Imprensa. Estes documentos, é urgente levá-los ao conhecimento dos católicos e do Povo Português.

Elas envolvem um apelo. E exigem uma resposta.

OS ESTUDANTES CATÓLICOS 4
AFRICANOS E O PROBLEMA
DE ANGOLA

(Cont.)

Congresso em Angers, de 25 a 29 de Março de 1961, asseguramos solenemente a nossa solidariedade a todas as organizações que lutam para imediatamente pôr termo às injustiças, ao racismo e ao genocídio organizado em Angola pelo imperialismo português."

Nas páginas seguintes apresentaremos as Moções de Friburgo e de Liège.

Não nos espantemos com a linguagem: são raízes de sangue, será o fervor da juventude, é de certeza o transbordar de um sofrimento que vem de há séculos. Não nos batemos pela infalibilidade dos nossos irmãos africanos. Mas devemos habituar-nos a ouvi-los, num esforço de humildade capaz de reconhecer como, em muitos pontos, eles têm caradas de razão.

LEIA E PASSE A UM AMIGO!

TENTE LIBERTAR-SE DE QUALQUER PRECONCEITOS !

AJUDE A CRIAR UM MUNDO NOVO; NA COMPREENSÃO E NO AMOR !

do VII Congresso dos Estudantes Católicos Africanos em FRIBURGO - Suíça, de 12 a 17 de Abril de 1962

- Considerando o terrível genocídio perpetrado em Angola pelos imperialistas portugueses com a cumplicidade vergonhosa das potências capitalistas e a coberto da defesa de uma pretensa vocação cristã;

- Considerando que até aqui a maior parte dos dirigentes africanos não têm feito sobre este ponto senão declarações de princípios e que alguns continuam mesmo a abrir os seus portos e aeródromos aos navios e aviões que transportam para Angola as tropas portuguesas de repressão;

Nós, Estudantes Católicos Africanos,
reunidos em Congresso, em Friburgo,

- REAFIRMAMOS que, em virtude do nosso apego ao direito dos povos a disporem de si mesmos, reclamamos o reconhecimento imediato da independência de Angola pelo regime fascista de Salazar;

- LEVANTAMO-NOS mais uma vez, com a mais viva indignação, contra o apoio moral dado pela Hierarquia católica portuguesa à política de genocídio de Salazar;

- PEDIMOS aos governos africanos e a todos aqueles que têm qualquer responsabilidade nos Estados Africanos que não só mantenham uma larga informação ao nível das massas sobre as barbaridades praticadas por Portugal em Angola, mas também que ajudem por todos os meios os patriotas angolanos a libertarem-se do jugo sangrento do colonialismo e a salvaguardarem a sua independência uma vez adquirida;

- REAFIRMAMOS a nossa inteira solidariedade com as populações de Angola e com todos aqueles que trabalham lealmente para a sua libertação.

Os Estudantes Católicos Africanos, reunidos
no seu VIII Congresso em WAREMMES (Liège) -
Bélgica, de 5 a 10 de Abril de 1963,

- Considerando a degradação contínua da situação nas colónias portuguesas e particularmente em Angola;
- Considerando que Portugal persiste falaciosamente em justificar a sua política colonialista de extermínio, terror e pilhagem por uma pretensa vocação e missão cristãs;
- Considerando que tais alegações e confusões atingem gravemente a Igreja que assim se vê assimilada e associada ao colonialismo português e atentam contra os princípios sagrados do direito dos povos a disporem de si próprios, princípios que a Igreja tem reafirmado inúmeras vezes nos documentos oficiais dos Santos Padres;
- Considerando que o colonialismo português personificado no governo policial de Salazar leva o seu desprezo dos princípios cristãos, que no entanto afirma defender, até ao ponto de encarcerar, em condições verdadeiramente odiosas, o Padre Pinto de Andrade, por se ter declarado solidário da justa causa dos seus compatriotas angolanos;
- Considerando o silêncio cúmplice das altas esferas da Igreja tanto em Portugal como em Angola e nas outras colónias portuguesas perante uma situação que não cessa de se deteriorar e de acumular causas de ódio entre os países africanos e o povo português;

CHAMAM a atenção da opinião internacional e particularmente da opinião católica internacional para os perigos que Portugal faz correr às suas colónias africanas;

CONDENAM a política de extermínio e de terror do governo de Salazar;

PEDEM aos católicos portugueses e sobretudo aos seus Bispos tanto de Portugal como das colónias que saiam do seu torpor e ponham tudo em acção para que termine a política genocida portuguesa e para que as colónias portuguesas possam enfim gerir democráticamente os seus próprios interesses;

APROVEITAM a ocasião para desejar que os Padres do Concílio tomem, de forma clara e decidida, posição contra o colonialismo e imperialismo tanto portugueses como internacionais, que perigosamente ameaçam a paz mundial e a reconciliação entre os povos;

PEDEM à opinião católica internacional que se ponha em acção para que Salazar liberte o Padre Pinto de Andrade e tantos outros patriotas das colónias portuguesas que sofrem nas prisões colonialistas da P.I.D.E..

GARANTEM a sua solidariedade a todos os povos africanos que sofrem a política colonialista de Salazar.

UMA INTERROGAÇÃO AOS CATOLICOS E AO POVO PORTUGUES:

"Notamos finalmente que em nossos dias evoluiu a sociedade humana para um padrão político e social completamente novo. Uma vez que todos os povos já proclamaram ou estão para proclamar a sua independência, acontecerá que dentro em breve já não existirão povos dominadores e povos dominados. As pessoas de qualquer parte do mundo são hoje cidadãos de um estado autónomo ou estão para o ser. Hoje nenhuma comunidade quer estar submetida a poderes políticos estranhos à sua comunidade ou ao seu grupo étnico. Assistimos, em muitos povos, ao desaparecimento do complexo de inferioridade que reinou durante séculos e milénios; noutros ao contrário atenua-se e tende a desaparecer o complexo de superioridade proveniente de privilégios económicos e sociais, sexo ou posição política.

Ao invés, universalmente prevalece hoje a opinião de que todos os seres humanos são iguais entre si, por dignidade de natureza. As discriminações raciais não encontram nenhuma justificação pelo menos no plano doutrinal. E isto representa uma etapa importante no caminho que conduz a uma comunidade humana estabelecida segundo os princípios que já acima recordámos.

João XXIII, "Pacem in Terris"

DECLARAÇÕES DO PADRE PINTO DE ANDRADE À P.I.D.E. DE LUANDA 8
(em 30 de Junho de 1960)

Sem ter dado a minha adesão formal a nenhum agrupamento ou partido político, não tenho deixado todavia de me interessar, na medida em que mo permitem o meu carácter e as minhas actividades sacerdotais, pelos anseios que os animam e pelos problemas que os preocupam.

Na linha do mais puro pensamento filosófico e teológico e na esteira da grande tradição cristã e dos ensinamentos dos últimos Papas (nomeadamente Leão XIII, Pio XI, Pio XII e João XXIII) e dos Bispos em comunhão com eles, considero o anseio à independência justo e razoável. Como ainda não há muito frisaram os Bispos do Alto Volta numa Carta Pastoral Colectiva, a independência está para o país como a liberdade para o indivíduo.

Escusado será dizer que, por uma questão de temperamento, de educação e de formação religiosa, sou contra métodos violentos e fraudulentos. Creio que a língua foi dada aos homens para se entenderem e que todas as divergências deveriam ser resolvidas por métodos pacíficos e democráticos e através de negociações. Na minha qualidade de sacerdote e de africano e natural desta terra, tenho, dos problemas que preocupam este povo, um conhecimento directo, diuturno e por assim dizer vivencial. E vivo-os com a sensibilidade particularmente aguda de quem se sente deles solidário pelas vozes do sangue e pelas amarras da História. Problemas do ensino, da cultura, do trabalho, dos salários, discriminações raciais, acesso à cidadania, participação no governo e tantos outros. As delongas na solução destes problemas criam-nos inquietações e descontentamentos. Os mais jovens e esclarecidos constataam, com amargura, que os meios legais e constitucionais lhes estão praticamente vedados. E eis-os desesperadamente embrenhados na luta clandestina. Ora, como dizia o imortal Pontífice Pio XII numa das suas memoráveis rádio-mensagens natalícias, "por errados que sejam os caminhos que se tenham seguido, qual homem, e sobretudo qual cristão e qual sacerdote poderá ficar surdo ao grito que sobe das profundas e que no mundo de um Deus justo invoca justiça e espírito de fraternidade?"

Claro está que um sacerdote, pelo seu carácter e pelas suas funções, deverá agir como elemento moderador e esclarecedor. Mas isto não justifica nem o alheamento nem a indiferença.

(cont. pag. seguinte)

É ainda Pio XII quem disse que é preciso lutar e destruir esta mentalidade, hoje tanto em voga, que quer confinar a presença e a acção da Igreja às quatro paredes frias de uma sacristia.

Resumindo, julgo poder definir assim a minha posição no passado e para o futuro:

Como sacerdote, que me prezo de ser, declaro que não me interessa nem me diz respeito a política como tal. Nunca fui membro de qualquer organização política, legal ou clandestina, nem pretendo sê-lo. Continuarei, todavia, atento e sensível a todas as preocupações e problemas que afligem os homens, sejam eles quais forem. E se alguma vez o achar necessário, oportuno e justo, não terei dúvidas em apresentar às competentes instâncias superiores, quer eclesiásticas quer civis, as reclamações que tiver por convenientes.

Estou firmemente convencido de que, nas relações entre os homens e entre os povos, os monólogos só podem ser prejudiciais. A necessidade do diálogo torna-se cada vez mais premente. E isto é colaborar. E como dizia Saint-Exupéry, "seuls sont frères les hommes qui collaborent".

PELA PAZ E PELA JUSTIÇA EM ANGOLA

(cont. da pag. 12)

ceitas das minas de Angola não aproveitam senão a uma minoria. E as despesas feitas para manter o exército colonial impedem o desenvolvimento económico do país.

Portanto tudo nos leva na mesma direcção. Tanto o sentido da honra como as perspectivas do futuro e o amor que os cristãos de Portugal devem aos outros homens. É destes, em última análise, que tudo depende. Que eles exijam e que obtenham a autonomia política de Angola. Então o sangue deixará de correr: e dois países subdesenvolvidos poderão dedicar-se às tarefas que tornam a vida digna de ser vivida.

Os artigos que aqui publicamos vão em favor de milhares de homens, mulheres e crianças, negros e brancos, que esperam, tanto na Europa como na África, que lhes restitua a esperança.

Possa o nosso apelo ser ouvido pelos nossos irmãos os cristãos de Portugal!

Georges HOURDIN

"Viver-se aqui é impossível. Seria precisa uma coragem desmesurada para se ser santo. Assim, é impossível continuar. Chegou o momento de romper com este sistema, mas isso já não está ao nosso alcance. Os próprios bispos se calam. Ao fim e ao cabo são os "terroristas", como aqui os chamam, quem vai resolver o problema, mas mal, porque não lhes deixem a possibilidade de o resolver bem.

Suponho que estás ao corrente das deslocações contínuas de soldados. Foi a melhor saída que encontraram para resolver o assunto, como se não houvesse mais nada a fazer em primeiro lugar.

(...) Se lhes chegava aos cuvidos o menor boato de que tal ou tal negro tinha procedido mal para com os brancos, esse pagava logo com a vida. Massacraram assim um grande número, sem quaisquer provas e sem julgamento. E quantos outros foram maltratados nas prisões. Houve uma época, ao princípio, em que as cadeias não chegavam e os brancos diziam que era perigoso guardar prisioneiros. Assim foi que ao transferirem de noite os prisioneiros, mataram muitos deles. Desta forma morreram muitos infelizes, alinhados em fila e de mãos algemadas. Obrigavam-nos a cavar as próprias sepulturas e depois fuzilavam-nos pelas costas. Quantos orfãos, quantas viúvas a tremer de medo. Muitos dos nossos negros fugiram, pois os soldados vêem terroristas por toda a parte.

(...) Quando chegam os terroristas, os soldados só cuidam dos brancos. Donde resulta que muitos negros se sentem abandonados, sem saber que partido tomar. Se não se põem do lado dos terroristas, são castigados ou mortos; se os vêem do lado dos rebeldes, são os soldados que os matam. E sem terem cometido o menor crime, apenas porque são negros."

- Só resta acrescentar que conhecemos o destinatário desta carta e que o referido missionário foi expulso de Angola: era espanhol e trabalhava na diocese de Malanjé.

Foram também expulsos dois missionários do Espírito Santo, holandeses, e ainda outro espiritano, da Alsácia, que trabalhava na Huíla havia já 23 anos.

Estas expulsões, assim como as palavras duras da carta atrás publicada, não podem deixar-nos tranquilos. Nem podemos ficar na desculpa cômoda de que "na guerra é mesmo assim". A linguagem de João XXIII na encíclica "Pacem in Terris" é completamente outra.

Nós sabemos que a violência é novo apelo à violência. Por isso ficamos inquietos ao ler a correspondência tão pouco cristã - para não dizer irresponsável - de certos capelães militares a quem tais problemas não deveriam passar despercebidos.

Há guerra em Angola, por mais que digam os jornais e que o Sr. Presidente do Conselho a tenha oficialmente encerrado nas vésperas das eleições para a Assembleia Nacional em Novembro de 1960.

Extraímos da revista "Magnificat": "(Deus) anda connosco, porque Deus anda sempre com a justiça e com a verdade e guiados por Ele levaremos a bom termo esta empresa. Com Nossa Senhora de Fátima a interceder por nós, pela sua terra, terra de Santa Maria, a vitória será nossa."

DE UM APELO EM FAVOR DO REGRESSO DOS PADRES ANGOLANOS A LUANDA:

"...Sem os padres angolanos, à Igreja faltarão pontes de acesso e de passagem para a população africana. Que isto se saiba a tempo!

Amanhã será tarde demais. Porventura tentarão matar ou expulsar os missionários brancos. Dir-se-á então que é o comunismo.

Os católicos portugueses é que abrem as portas ao comunismo quando prendem ou exilam os padres de Luanda cuja missão seria assistir os católicos negros e ajudá-los na procura dos princípios e dos meios justos para a realização dos seus desejos sem transtornos verdadeiramente trágicos."

PELA PAZ E PELA JUSTIÇA EM ANGOLA

(Artigo de fundo de Georges HÉBURDIN, conhecido leigo católico e director da revista "Croissance des Jeunes Nations" que acaba de publicar o número de Abril sobre a situação em Angola)

Encontrar-se-ão neste número vários estudos sobre Angola. Com efeito a opinião pública precisa de saber o que por lá se passa e que não é apenas a falta de independência. Há também, nas colónias portuguesas ao sul da África, trabalho forçado, castigos corporais, brutalidade na repressão a ajuntarem-se à miséria e ao domínio dos brancos.

Tal situação é intolerável. E todavia mantém-se. Protestamos vigorosamente contra ela porque desejamos o desenvolvimento humano desse país e também porque não pode haver crescimento de nenhuma espécie sem liberdade política, sem igualdade social, sem a verdadeira dignidade e sem escolas cheias de crianças atentas e sorridentes.

Mas dir-se-á, vocês são pela guerra. Não, nós somos pela paz e pela justiça. Ora as duas estão gravemente atingidas em Angola: por isso fazemos ouvir a nossa voz no meio de tantas outras vozes para ajudar a estabelecer esta paz e esta justiça e para que se criem as condições necessárias à arrumação interna do país. Além disso não temos intenção de dar lições a ninguém. Os acontecimentos da Argélia não estão assim tão longe...

A guerra não é necessária para o restabelecimento da justiça em Angola. Basta, mas isso é fundamental, que se encontrem frente a frente dois interlocutores dignos do nome de homens. As populações oprimidas devem erguer-se para exigir os seus direitos, o que aliás vêm fazendo, e devem fundir-se na unidade total de uma frente política nacional. As populações portuguesas, que são cristãs, devem, por seu lado, conceder a autodeterminação. Ao povo português nos dirigimos muito particularmente.

Num livro intitulado "Attente de Dieu", Simone Weil, a grande escritora espiritual, conta que começou a conhecer a grandeza do cristianismo ao ouvir as mulheres simples dos pescadores portugueses a cantar na praia enquanto remendavam as redes.

Na extremidade sudoeste da Península Ibérica vive um povo cristão e pobre, cujas tradições são grandes, como o seu passado. No fundo é do povo português que tudo depende. Enganam-no, segundo cremos, quando lhe dizem que precisa de um império colonial para sobreviver. O povo português precisa é de dignidade. As re-

(cont. pag. 9)

